

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UMA PRÁTICA DIALÓGICA.

Andréa Serpa

ECP

Eixo 2 – Didática, Formação e Profissão Docente

Este trabalho apresenta, a experiência de pesquisa *com* o Cotidiano Escolar de um grupo de professoras alfabetizadoras e o processo de sua formação *no* e *com* o próprio processo de pesquisa. Fundamenta-se na crença¹, construída nos anos de minha trajetória como professora pesquisadora, que o processo de formação intelectual dos sujeitos não é ação de um sobre o outro, mas de um *com* o outro, tendo no diálogo – utopia de Bakhtin e um dos grandes suportes da teoria de Freire – que não se funda no consenso, mas no conflito de ideias, crenças, valores, histórias, percepções e principalmente no respeito, na possibilidade da construção de uma autonomia intelectual dos sujeitos em um processo dialético e dialógico uns com os outros e com o mundo.

Marilena Chauí defende que “*O filósofo não pode, de modo algum, separar-se e afastar-se do mundo, pois não estamos **no** mundo (como queria Sartre ao falar em **situação**), mas somos **do** e **com** o mundo.*” (2006: p. 23), concordamos e acrescentamos que não só o filósofo, mais o intelectual e o educador, não podem afastar-se do mundo, devendo portanto pensar a partir **do** mundo que os forma e **com** o mundo com que dialogam. Isso não significa de forma alguma dizer que devemos abandonar as todas as obras produzidas além mar – o que seria arrogância – mas assumirmos nosso papel de escriturários, nosso lugar na *pronúncia do mundo*.

O processo desenvolvido subverte a ordem da lógica que sustenta uma formação teórica anterior a prática para fundar-se na experiência de refletir sobre as teorias que nossas práticas evidenciam, sobre as teorias que necessitamos para transformar nossas práticas. A realidade – nossa realidade – estabelece as questões e cada desafio enfrentado exige a busca da teoria que melhor dialogue com ele. Neste movimento o saber não pertence a uns para ser doado aos outros. É produzido no encontro de sujeitos que refletem sobre si mesmos e sobre suas experiências coletivamente.

Apesar de há muito se discutir a necessidade de formarmos cidadãos mais autônomos, críticos e emancipados intelectualmente, sujeitos que aprendam a trabalhar coletivamente,

¹ “Gosto da palavra *crer*. Em geral, quando alguém diz “*sei*”, não sabe, mas *crê*”. Marcel Duchamp. Op.cit. Certeau, 2004, p. 277.

solidariamente e respeitosamente; apesar de possuímos muitos trabalhos que relatam a riqueza e complexidade das práticas de formação fundamentada na prática-teoria-prática, muitos professores ainda são formados de maneira bancária e mecânica, seus saberes do vivido, suas práticas, suas questões não são ouvidas ou contempladas nas discussões, previamente estabelecidas pelos “especialistas”.

O movimento da pesquisa vem produzindo um resultado bastante diferente, nos sujeitos envolvidos, do que o processo geralmente utilizado nos Centros de Estudo e/ou Capacitações desenvolvidas. Quando os próprios professores estabelecem suas questões e percebem a necessidade de buscarem aprofundar teoricamente estas questões, existe uma mobilização de forças para esta aprendizagem, um valor real atribuído à teoria desenvolvida, geralmente rejeitada e descartada com o argumento de estar “distante da realidade”, de ser uma reflexão sobre uma realidade desconhecida. Teoria e prática retomam sua unidade perdida no paradigma da racionalidade moderna.

Iniciado em 2008 o grupo de pesquisa do CIEP Compositor Donga, vem reunindo um pequeno grupo de professoras para discutir inicialmente questões relativas as práticas de avaliação escolar. Refletindo sobre as possibilidades de cada sujeito ser autor de sua própria formação, estabelecendo seu próprio lugar de enunciação e emancipação intelectual e as possibilidades que o uso das mídias nos ofereciam para este processo, propus que nossos diálogos fossem filmados e que pudéssemos discutir a partir de nossas próprias ideias e reflexões. Assim, nosso primeiro encontro foi filmado, editado e transcrito, e todo material entregue as professoras para análise, acordando que voltaríamos as questões que a leitura nos suscitasse.

Pretendemos que este trabalho se una a muitos outros que já existem e podem ainda existir, para a reflexão e construção de uma prática mais dialógica na formação dos professores, para que estes possam inserir, cada vez mais, a dialogicidade em seu próprio fazer pedagógico.

PALAVRAS – CHAVE : Papel do intelectual, formação do professor, dialogicidade.

Referencias Bibliográfica:

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
BRAIT, B. *Bakhtin, Dialogismo e Cosntrução do Sentido*. Campinas Ed. UNICAMP: 1997.
CHARLOT, Bernard. *Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização: Questões para a educação hoje*. Porto Alegre: ArteMed, 2005

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ed. Ática, 1997.
CHAUÍ, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? In NOVAES, Adauto (org). *O Silêncio dos Intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.